



Prefeitura de Carmo do Rio Verde- GO
Cargos de Nível Fundamental

LÍNGUA PORTUGUESA

Interpretação de textos do discurso jornalístico: carta do leitor, notícia, artigo de opinião, crônica, charge, tirinha e propaganda	1
Sinônimos e antônimos. Sentido próprio e figurado das palavras	2
Ortografia oficial	4
Acentuação gráfica.....	5
Pontuação	7
Usos de substantivos, adjetivos, pronomes, preposições e conjunções. Emprego de pessoas, modos e tempos verbais.....	12
Concordância verbal e nominal	28
Variação linguística.....	30
Questões	31
Gabarito.....	46

MATEMÁTICA

Sistema de numeração decimal	1
Conjuntos numéricos: números naturais, inteiros, racionais e irracionais.....	2
Operações com números reais	19
Proporção e regra de três.....	22
Porcentagem	28
Álgebra: expressões algébricas, equações do primeiro e segundo graus.....	30
Sistemas de equações do primeiro grau	41
Grandezas e medidas: tempo, comprimento (perímetro), massa, superfície (área), volume e capacidade	44
Tratamento da informação: leitura e interpretação de tabelas e gráficos	49
Espaço e forma: identificação, descrição e interpretação de figuras geométricas planas e espaciais, ângulos e Teorema de Pitágoras	57
Questões	73
Gabarito.....	82

SUMÁRIO



ATUALIDADES E HISTÓRIA, GEOGRAFIA E CONHECIMENTOS GERAIS DE GOIÁS E DE CARMO DO RIO VERDE-GO

Formação econômica de Goiás: a mineração no século XVIII, a agropecuária nos séculos XIX e XX, a estrada de ferro e a modernização da economia goiana. Modernização da agricultura e urbanização do território goiano	1
A população goiana: povoamento, movimentos migratórios e densidade demográfica	8
Economia goiana.....	15
As regiões goianas e as desigualdades regionais	17
Aspectos físicos do território goiano: vegetação, hidrografia, clima e relevo.....	22
Aspectos da história social de Goiás: o povoamento branco, os grupos indígenas, a escravidão e cultura negra, os movimentos sociais no campo e a cultura popular	26
Aspectos histórico-geográficos de Carmo do Rio Verde-GO	27
Questões	30
Gabarito.....	39

SUMÁRIO



Introdução

O discurso jornalístico é composto por uma variedade de gêneros textuais, cada um com características próprias, funções específicas e maneiras particulares de interagir com o leitor. Esses gêneros, como a carta do leitor, a notícia, o artigo de opinião, a crônica, a charge, a tirinha e a propaganda, desempenham papéis distintos na comunicação midiática, e sua interpretação requer um entendimento das suas particularidades. Neste estudo, exploraremos cada um desses gêneros, destacando seus aspectos estruturais e discursivos, além de oferecer orientações para uma leitura crítica e eficaz.

1. Carta do Leitor

A carta do leitor é um gênero textual em que o público manifesta sua opinião, questiona, elogia ou critica conteúdos veiculados pela mídia, especialmente em jornais e revistas. Ela tem como principais características:

- Subjetividade: O autor expressa suas impressões pessoais, muitas vezes de forma emocional e direta.
- Interatividade: A carta promove um diálogo entre o leitor e o veículo de comunicação, funcionando como um canal de feedback.
- Objetividade no conteúdo: Apesar da subjetividade no tom, a carta geralmente aborda fatos ou opiniões com clareza e foco.

Interpretação: Para interpretar uma carta do leitor, é importante identificar a posição do autor em relação ao tema discutido, os argumentos utilizados para sustentar sua opinião e o contexto no qual a carta foi escrita.

2. Notícia

A notícia é um gênero informativo que visa relatar fatos recentes de maneira objetiva e imparcial. Ela segue uma estrutura geralmente rígida, composta por:

- Lide: Primeiro parágrafo que responde às perguntas básicas (o quê, quem, quando, onde, como e por quê).
- Corpo da notícia: Desenvolvimento que detalha as informações principais e secundárias.
- Objetividade: O texto é impessoal e factual, evitando adjetivações que possam sugerir julgamentos.

Interpretação: Na interpretação de uma notícia, o leitor deve identificar o fato principal, verificar a precisão e a clareza das informações, e considerar a fonte da notícia para avaliar sua confiabilidade.

3. Artigo de Opinião

O artigo de opinião é um texto argumentativo em que o autor expressa suas opiniões sobre um tema específico, defendendo uma posição com base em argumentos e evidências. Suas características incluem:

- Tese clara: O autor apresenta de maneira explícita sua posição sobre o tema.
- Argumentação lógica: A defesa da tese é sustentada por argumentos organizados de forma coerente.
- Subjetividade: O texto reflete a visão pessoal do autor, podendo incluir expressões de juízo de valor.

Interpretação: Para interpretar um artigo de opinião, é essencial identificar a tese, analisar os argumentos e as evidências apresentadas e avaliar a lógica e a persuasão do texto.

4. Crônica

A crônica é um gênero que mistura elementos narrativos e descritivos, abordando temas do cotidiano com uma linguagem leve, subjetiva e, muitas vezes, humorística ou reflexiva. Suas características principais são:

- Cotidiano: Aborda situações comuns, transformando-as em temas de reflexão.
- Linguagem acessível: A crônica utiliza uma linguagem simples e direta, próxima do leitor.
- Subjetividade: Reflete a visão pessoal do autor sobre os fatos ou situações.



Matemática

O sistema de numeração decimal é de base 10, ou seja utiliza 10 algarismos (símbolos) diferentes para representar todos os números.

Formado pelos algarismos 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, é um sistema posicional, ou seja, a posição do algarismo no número modifica o seu valor.

É o sistema de numeração que nós usamos. Ele foi concebido pelos hindus e divulgado no ocidente pelos árabes, por isso, é também chamado de «sistema de numeração indo-arábico».

HINDU 300 a.C	-	=	≡	𑆑	𑆒	𑆓	𑆔	𑆕	𑆖	𑆗
HINDU 500 d.C	𑆏	𑆐	𑆑	𑆒	𑆓	(𑆔	𑆕	𑆖	𑆗
ÁRABE 900 d.C	1	𐌺	𐌻	𐌼	𐌽	7	𐌿	𐍀	9	0
ÁRABE (ESPANHA) 1000 d.C	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
ITALIANO 1400 d.C	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
ATUAL	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0

Evolução do sistema de numeração decimal

Características

- Possui símbolos diferentes para representar quantidades de 1 a 9 e um símbolo para representar a ausência de quantidade (zero).

- Como é um sistema posicional, mesmo tendo poucos símbolos, é possível representar todos os números.

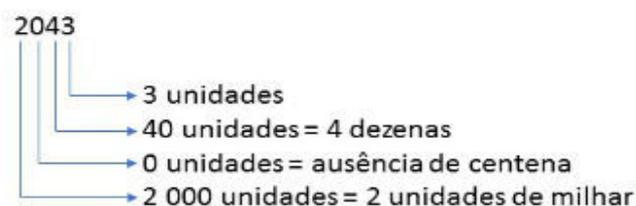
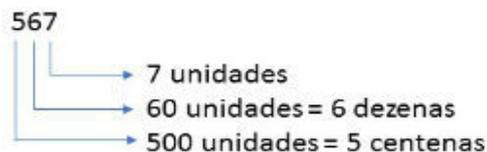
- As quantidades são agrupadas de 10 em 10, e recebem as seguintes denominações:

10 unidades = 1 dezena

10 dezenas = 1 centena

10 centenas = 1 unidade de milhar, e assim por diante

Exemplos





A Ocupação Mineratória – Mineração

Enquanto o século XVII representou etapa de investigação das possibilidades econômicas das regiões goianas, durante a qual o seu território tornou-se conhecido, o século XVIII, em função da expansão da marcha do ouro, foi ele devassado em todos os sentidos, estabelecendo -se a sua efetiva ocupação através da mineração. A primeira região ocupada em Goiás foi a região do Rio Vermelho. Entre 1727 e 1732 surgiram diversos arraiais, além de Santana (posteriormente Vila Boa de Goiás), em consequência das explorações auríferas ou da localização na rota de Minas para Goiás. Em 1736 já havia nas minas de Goiás 10.236 escravos. Nas proximidades de Santana surgiram os arraiais de Anta e Ouro Fino; mais para o Norte, Santa Rita, Guarinos e Água Quente. Na porção Sudeste, Nossa Senhora do Rosário da Meia Ponte (atual Pirenópolis) e Santa Cruz. Outras povoações surgidas na primeira metade do século XVIII foram: Jaraguá, Corumbá e o Arraial dos Couros (atual Formosa), na rota de ligações de Santana e Pirenópolis a Minas Gerais.

Ao longo dos caminhos que demandavam a Bahia, mais ao Norte, na bacia do Tocantins, localizaram-se diversos núcleos populacionais, como São José do Tocantins (Niquelândia), Traíras, Cachoeira, Flores, São Félix, Arraias (TO), Natividade (TO), Chapada (TO) e Muquém. Na década de 1740 a porção mais povoada de Goiás era o Sul, mas a expansão rumo ao norte prosseguia com a implantação dos arraiais do Carmo (TO), Conceição (TO), São Domingos, São José do Duro (TO), Amaro Leite, Cavalcante, Vila de Palma (T O), hoje Paranã, e Pilar de Goiás e Porto Real (TO), atual Porto Nacional, a povoação mais setentrional de Goiás.

O sistema de datas

Era através do sistema de datas que se organizava a exploração do ouro, conforme o ordenamento jurídico da época. Assim que um veio de ouro era descoberto em uma região mineradora, imediatamente, o Superintendente das Minas ordenava que a região fosse medida e dividida em lotes para poder ter início o processo de mineração. Cada lote tinha a medida de 30 x 30 braças (uma braça tem 2,20m), ou seja, aproximadamente 66 x 66m. Estes lotes recebiam a denominação de datas e, cada data, por sua vez, era equivalente a uma lavra de mineração.

As datas se distribuíam da seguinte forma:

- O minerador responsável pelo achado escolhia a primeira data para si. Um funcionário da Real Fazenda (o ministério responsável pela mineração na época) escolhia a segunda data para o rei. O responsável pelo achado tinha o direito de escolher mais uma.

- O rei não tinha interesse em explorar diretamente a sua data e ordenava que ela fosse leiloada entre os mineradores interessados em explorá-la. Quem pagasse mais ficaria com ela. O dinheiro do leilão era enviado a Portugal, como renda pessoal do rei. As demais datas eram distribuídas por sorteio aos mineradores que possuísem um mínimo de doze escravos para poder explorá-las. Cada minerador tinha direito a uma data por vez. Repare que a atividade mineradora era extremamente intensiva em utilização de mão-de-obra. Doze homens trabalhavam junto em um espaço de apenas uma lavra.

O início da mobilidade social

Diferentemente da economia canavieira (cana-de-açúcar) que tinha uma sociedade estamental (no estado em que você nasceu permanece), a sociedade mineradora não era estática. Havia a possibilidade, mesmo que pequena, de mudança de classe social. Foi o início da mobilidade social no Brasil.

Existiam dois tipos de mineradores, o grande, era o minerador de lavra, e o pequeno, o de faiscação. O minerador de lavra era aquele, dono de pelo menos 12 escravos, que participava do sorteio das datas e tinha o direito de explorar os veios de ouro em primeiro lugar. Quando uma lavra começava a demonstrar esgotamento e a produtividade caía geralmente ela era abandonada e, a partir deste momento, o faisgador poderia ficar com o que sobrou dela.